



**O INTERIOR PAULISTA E A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922:
ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DO JORNAL *COMMERCIO DO JAHU***

**THE INTERIOR OF SÃO PAULO AND THE WEEK OF MODERN ART IN
1922: ANALYZES AND REFLECTIONS BASED ON THE NEWSPAPER
*COMMERCIO DO JAHU***

Mariana Martinez dos Santos¹

RESUMO

Este artigo foi elaborado com o objetivo central de avaliar os motivos – sejam eles políticos, sociais ou ideológicos – pelo qual a Semana de Arte Moderna do ano de 1922 não foi mencionada pelo periódico *Commercio do Jahu*. Do mesmo modo, pretendeu-se averiguar fatos e notícias que dialogassem com as mudanças culturais e ideológicas que o evento havia trazido, bem como compreender o contexto sociopolítico local naquele momento e sua ligação com a temática. A relevância desse trabalho pode ser justificada por trazer à tona debates acerca de um importante episódio do início do século passado, como também estimular a valorização à pesquisa dos periódicos locais e compreender os requisitos utilizados para validar notícias relevantes ao público-leitor. Com efeito, houve a catalogação e sistematização de dados da fonte, bem como a seleção das referências bibliográficas necessárias para o embasamento adequado desta pesquisa.

Palavras-chave: Semana da Arte Moderna, *Commercio do Jahu*, Imprensa local, Interior paulista.

ABSTRACT

This article was prepared with the main objective of evaluating the reasons – be they political, social or ideological – why the Week of Modern Art in 1922 was not mentioned by the journal *Commercio do Jahu*. Likewise, it was intended to investigate facts and News that dialogued with the cultural and ideological changes that the event had brought, as well as to understand the local sociopolitical context at that time and its connection with the theme. The relevance of this work can be justified by bringing to light debates about an important episode from the beginning of the last century, as well as stimulating the appreciation of research by local periodicals and understanding the requirements used to validate News relevant to the readership. Indeed, there was the

¹ Graduanda do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Lourdes M. C. Feitosa e do Prof^º Dr^º Roger M. M. Gomes.



cataloging and systematization of source data, as well as the selection of bibliographic references necessary for the proper foundation of this research. **KEYWORDS:** Week of Modern Art, *Commercio do Jahu*, Local Press, São Paulo countryside.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa fundamenta-se, essencialmente, na Semana de Arte Moderna de 1922, sendo o jornal *Commercio do Jahu* a fonte documental selecionada para analisar o evento e seus efeitos em nível local. Fato curioso que instigou a estudar a relação entre periódico é tema foi a suposta ausência das edições coincidentes às datas daquela semana – nos acervos do Museu Municipal de Jahu e da Fundação Educacional Dr. Raul Bauab, constavam as edições de 11 de fevereiro e logo em seguida iam para a data de 18 do mesmo mês. Coincidência ou não, a Semana de Arte Moderna foi de 12 à 17 de fevereiro; somente após insistência na busca por quaisquer vestígios de algum exemplar correspondente a essas datas, foram localizadas edições dos dias 14 e 16 de fevereiro. Ainda assim, não havia qualquer informação acerca do evento.

O ano de 1922 está introduzido em um contexto nacional e mundial de renovações em variados âmbitos, como afirma Neves (2003):

O Ocidente vive um desses períodos em que a história parece acelerar-se e não é apenas a experiência do tempo vivido que reflete e provoca essa sensação: a própria percepção mais abstrata do tempo e a concepção de História que é seu corolário estarão pautadas pela primazia da noção de evolução e por uma representação linear, em constante aceleração, do tempo histórico, que certamente ganha uma nova coloração, ainda que possa ser percebida desde o século XVIII e da construção da razão instrumental moderna. (p. 9)

Enquanto a fase da *Belle Époque* brasileira – que corresponde, em consenso, da Proclamação da República à Semana de Arte Moderna de 1922 – se caracteriza pelas influências europeias, o Modernismo volta-se à busca pelas referências e raízes nacionais. Mas sua fase antecessora possui também seus valores e motivações, como disserta Madruga (2012) “o então nascente regime – a República – desejava inaugurar uma nova era no Brasil e por isso procurou minimizar tudo que lembrava o Império e a colonização portuguesa.” (p. 197)



Ajzenberg (2012) ainda reforça o acentuamento da necessidade de “descobrir” ou “redescobrir” o Brasil, repensando-o de modo a desvinculá-lo, esteticamente, das amarras que ainda o prendem à Europa (p. 26). Entretanto, aponta Sevcenko que a intensificação dos contatos e das trocas internacionais promovida pela instauração do regime republicano naturalmente acelerou o curso de transformações históricas (1998, p. 30) e dessa forma, o âmbito cultural e artístico também precisava se renovar. Sobre os anos 20 e essa fase de transições, Schwarcz & Starling (2015) atestam:

Os anos 20 abriram uma agenda de mudanças e inauguraram no país hábitos, procedimentos e diagnósticos que orientaram várias gerações (...) sobretudo a intelectualidade nacional passaria a questionar concepções mais tradicionais na área da cultura, assim como enfrentaria as instituições republicanas, elevando o tom da ruptura. (p. 338)

É com o evento da Semana de Arte Moderna que muitas dessas rupturas se consolidam, bem como firmam o movimento modernista por aqui. Amaral (2012) define o modernismo brasileiro como a intermediação entre dois pólos do modernismo latino-americano, representados pelo México e pela Argentina (p. 11). Ainda assim, é inegável a particularidade do episódio, que se mostrou um marco de ruptura do movimento de intelectuais que desestabilizou o sistema tradicional da cultura brasileira (NASCIMENTO, 2015, p. 383).

Em vista disso, compreende-se a relevância da temática, principalmente somada à análise da mesma através de um periódico. O mais intrigante não são as manchetes a respeito do acontecimento, mas sim sua ausência. Durante o fichamento bibliográfico, foi possível notar que a Semana de Arte Moderna não foi amplamente bem-recebida ou sequer obteve atenção profusa da imprensa, como assinalam Schwarcz & Starling: “se a Semana não teve grande repercussão imediata e, ao contrário, recebeu muitas críticas, com o tempo ela se projetou e adquiriu um significado que a uniu à noção de modernismo (...)” (2015, p. 338). Ao tratar da imprensa carioca diante do evento, Rodrigues também confirma tais lacunas nos periódicos: “Indiferença? Despeito? Falta de informação? É difícil estabelecer um único conceito para se compreender tal hiato” (2012, p. 135).

Perante essas informações, foram analisados exemplares do *Commercio de Jahu* do ano de 1922, dos meses de fevereiro à dezembro, onde buscou-se fragmentos ou



influências da Semana de Arte Moderna, assim como possíveis posicionamentos do impresso que demonstra sua afinidade ou rejeição para com o movimento modernista; afinal, ao pesquisador não apenas os elementos do momento histórico são importantes, mas buscar captar também quais são os elementos de interesse do próprio jornal (LAPUENTE, 2015, p. 8). Entender as motivações de determinados tópicos entrarem ou não nas páginas do *Commercio* exige metodologia e análise adequadas, bem como conhecer o contexto em que a fonte estava inserida.

O *Commercio do Jahu* é um dos periódicos mais antigos da região, que circulou por mais de um século, divulgando acontecimentos mundiais, nacionais e regionais, mas fundamentalmente teve papel crucial diante dos enlaces políticos na cidade de Jaú. Como indica Cohen (2013, p. 103), as raízes políticas da atividade jornalística se constituíram sempre a partir de grupos de interesse, que viam na imprensa um meio de propagação de suas ideias e aspirações. Para a obtenção de informações que embasassem a coleta de dados do *Commercio do Jahu*, assim como compreender a função do impresso na cidade, a obra de Chaves (2006) foi imprescindível.

O ano de 1922 na cidade interiorana de Jaú foi permeado de tensões políticas e episódios marcantes, como a pior enchente até então registrada na cidade, justamente no dia 12 de fevereiro, data de início da famosa Semana. Na esfera política, a imprensa participa como importante agente de articulação diante das rivalidades locais. Naquele momento, a política era resumida em dois principais pólos derivados de linhagens de grandes famílias locais – os chamados Carvalhistas e Vicentistas. Seus principais expoentes eram o advogado Vicente de Paula Almeida Prado e o médico Antônio Pereira do Amaral Carvalho.

Em 1921, Amaral Carvalho é eleito Deputado Federal pela Junta Apuradora em 24 de março (CHAVES, 2006, p. 116) e no ano seguinte, seu braço direito Hilário Freire conquista uma vaga na Câmara Estadual; enquanto isso, Vicente Prado permanece no Senado Estadual. O cenário político jauense nunca havia chegado tão longe. O *Commercio* – de cunho vicentista naquele período – colabora com o polo de Almeida Prado ao decorrer do ano, e ao final de 1922 ocorrem as eleições municipais, com os vicentistas mais uma vez alcançando a maioria de votos. Assim, percebe-se que o



periódico tinha relevância em vários campos sociais, inclusive – e principalmente – no político.

Com os dados levantados, o objetivo desta pesquisa se mostra simultaneamente claro e complexo: anteriormente se visava abordar o discurso do periódico sobre o evento, porém, após averiguação da escassez de informações, o propósito tornou-se compreender – ou ao menos indagar de maneira metodológica – as motivações que levaram o *Comercio do Jahu* a não noticiarem a Semana de Arte Moderna de 22. Entre objetivos específicos, elenca-se avaliar possíveis influências culturais e artísticas do ocorrido, examinar a Semana de Arte Moderna de forma crítica e assimilar as relações entre o contexto sociopolítico local e a temática artística.

A relevância do tema pode ser justificada, essencialmente, no que se refere à história da imprensa local, tal qual a história do Brasil Republicano e da Arte Moderna. Apesar de ser um dos mais antigos jornais do estado de São Paulo, o *Comercio do Jahu* foi alvo de poucos estudos, e levantar pesquisas como esta acabam por impulsionar e estimular a academia a aventurar-se em periódicos pouco explorados, assim como instiga o público em geral a conhecer melhor sua história. Explorar a história do Brasil em consonância com o contexto e discurso locais também é uma abordagem válida, especialmente quando são levados em conta a atuação política local expandindo-se ao nível nacional, tal qual seu poder de produção cafeeira para o Estado de São Paulo no início do século XX.

Sobre os materiais e métodos, este estudo pode ser considerado em âmbito qualitativo, levando em consideração os passos metodológicos adequados para abordar o periódico enquanto fonte. Barros (2012) elenca os jornais como “fontes realistas”: “Tratam-se também de gêneros autorais (...), mas que, distintamente das “fontes literárias”, são textos construídos sobre a ideia de veracidade, de que expressam algo verdadeiro, e não algo que é uma livre criação de seus autores “ (p. 154).

Não obstante, o pesquisador deve se atentar com questões imparciais, recorrentes em periódicos. Luca acentua a afirmação:



Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo (2005, p. 116)

À vista disso, é perceptível a necessidade da atenção e de procedimentos técnicos adequados no manuseio e exame das fontes impressas. Partindo, então, da circunstância de não haver artigos ou manchetes no periódico acerca do tema proposto, o estudo se torna mais minucioso ainda. É indispensável fomentar apreciações críticas no decorrer do exame do jornal, para não vulgarizar o caráter do trabalho, onde muitas vezes o historiador procura não uma investigação, mas apenas corroborar e confirmar aquilo que ele mesmo já elencou como “verdade” (LAPUENTE, 2015, p. 5).

Ademais, cabe citar Cruz & Peixoto (2007, p. 258) para fazer o adendo: convém lembrar que não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos. Dessa forma, o que se intencionou neste trabalho foi proporcionar debates e reflexões acerca da Semana de Arte Moderna do ano de 1922, apesar da carência de informações almejadas, abarcando outros tópicos como relações entre República e Monarquia, política local, levantes populares, entre outros. Zicman (1985) já se atenta ao que seria o principal problema enfrentado sobre a pesquisa histórica com periódicos: a quantidade limitada de dados e a falta de fontes estatísticas (p. 89). A seguir, foram expostos os resultados e discussões quanto ao tema.

A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922 E A IMPRENSA

A Semana de Arte Moderna, ocorrida em fevereiro de 1922, foi um divisor de águas na história da arte e da cultura brasileira. O movimento nomeado “Modernismo” é definido pelo dicionário como:

1. Gosto ou tendência pelo que é moderno; modernice.
2. HISTÓRIA DA ARTE – LITERATURA
Designação genérica de vários movimentos artísticos e literários (cubismo, dadaísmo, etc.), surgidos no fim do século XIX e no XX, que buscaram examinar e desconstruir os sistemas estéticos da arte tradicional (No Brasil o movimento iniciado com a *Semana de Arte Moderna* 1922 refletiu-se na busca



de meios de expressão autenticamente brasileiros, fugindo dos tradicionais modelos europeus.

Como é sabido, o início do século XX foi marcado por grandes mudanças em todas as esferas do cotidiano: desde a política à vida privada, dos espaços públicos de convivência até as remodelações dos centros urbanos. Obviamente, o campo artístico-cultural não ficaria estático diante da eclosão de transformações que se deram no período. Sá (2011) contextualiza este momento:

Há uma convergência de acontecimentos que se interligam no ano de 1922: a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), a revolta tenentista do Forte de Copacabana e a Semana de Arte Moderna. Esses movimentos são sintomas da necessidade de se repensar o Brasil após a Primeira Guerra Mundial (p. 94).

Apesar das múltiplas reações das camadas sociais – que vão desde o prestígio e reconhecimento às vaias e fortes críticas, não se pode ignorar a importância que o evento acarretou, talvez mais evidente nas gerações futuras do que naquele momento. Silva (2012) confirma que não à toa, as discussões gestadas pelo movimento de 1922 repercutiram nos eventos que sucederam a 1930 (p. 3). Sendo capaz de inserir artistas mais conservadores a outros um tanto liberais, o grupo era composto por intelectuais que queriam descobrir o Brasil profundo e desejavam repensar a identidade coletiva, buscando uma cisão com o passado de herança portuguesa (MENEZES, 2012, p. 168).

Contudo, não se pode avaliar o episódio com demasiado positivismo, considerando algumas críticas pertinentes. O crítico literário Ivan Marques, na série “Semana de 22: história e legado”, produzida pelo Café Filosófico CPFL, disserta sobre pensamentos críticos até mesmo entre os participantes do primeiro marco modernista do país. Mário de Andrade, em abril de 1942, realiza uma conferência denominada O Movimento Modernista, vinte anos após a Semana. Nela, produz uma série de críticas à contribuição de sua geração, considerando-a aristocrática e leviana, além de terem faltado com a responsabilidade por não terem a noção absoluta do que realmente era a sociedade brasileira (2019).

A questão de reconhecimento do povo brasileiro em sua totalidade também é lembrada por Hoffmann:



Tem-se afirmado a necessidade de fazer-se uma revisão da história do modernismo no Brasil, em que sejam contempladas as diversas produções e circunstâncias de todo o território nacional, assim como suas conexões com o contexto europeu, norte e latino-americano (2017, p. 33).

Entende-se, então, que apesar do sentimento nativista que visou assumir a realidade física e cultural brasileira, até então menosprezada pelas elites (AMARAL, 2012, p. 11), o movimento deixou lacunas diante da magnitude cultural e étnica do país, que viriam a ser trabalhadas nas próximas gerações.

Adentrando sua relação com a imprensa, a Semana de Arte Moderna de 1922 também obteve resultados divergentes. Se por um lado, como indica Boaventura (2013), o acesso à imprensa pelos modernistas foi um processo natural, pois, além de serem também jornalista e atuarem nos principais veículos, tinham relações de amizade com seus proprietários (p. 24), por outro, a República, desde os seus primórdios, evidenciou sua sanha repressiva em vários episódios contra a liberdade de expressão (ELEUTÉRIO, 2008, p. 40).

De acordo com o Arquivo Público do Estado de São Paulo, o evento despertou críticas e elogios da imprensa paulistana. Enquanto a Folha da Noite reprovou o evento, diversos outros jornais que contavam com colaboradores modernistas foram favoráveis ao tema. Ainda assim, é comprovada a relação entre o que era e como eram noticiados os fatos na recém República, e os desdobramentos políticos e ideológicos no período. Casadei & Venancio (2012), ao tratar da obra de Pilagallo sobre a imprensa paulista, concluem que com poucos momentos de exceção, a imprensa paulista era caracterizada por adotar um posicionamento conservador em relação às demandas políticas (p. 335).

Em suma, apoiando-se nessas informações, é palpável a dimensão de abordagens e concepções que circundam o retrato da Semana de Arte Moderna de 1922, bem como a discrepância entre as críticas e argumentos favoráveis. Torna-se compreensível o fato de o *Commercio do Jahu* tratar como irrelevante o evento, não somente por ser um jornal interiorano, mas dada também a informação de que não houve impacto geral imediato com o fato, nem mesmo na capital do Estado.

Todavia, mesmo com os contrapontos, através do exame do periódico podem ser refutados tais argumentos, tendo em vista manchetes que se atentaram a outros eventos – fossem eles estaduais, nacionais ou internacionais – de cunho revolucionário ou inovador



diante de moldes tradicionais. Exemplo disso são os artigos positivos à movimentos históricos europeus, como a Revolução Francesa, paralelamente às críticas feitas aos movimentos que buscavam derrubar as oligarquias vigentes naquele momento, como foi o caso da Revolução do Forte de Copacabana. Obviamente, os dois levantes não concernem o mesmo contexto ou período, mas algumas reflexões acerca do que foi recolhido no periódico podem ser relevantes para fomentar novas considerações.

O *COMMERCIO DO JAHU* E AS (ISENTAS) RELAÇÕES COM ASPECTOS DO MODERNISMO BRASILEIRO

O *Commercio do Jahu* foi fundado em 31/07/1908; sua última edição, de n.º 30.885, foi publicada em 05/05/2019. No ano de 1922, o periódico se encontrava sob propriedade de Ruffolo & Martins, e desde o ano de 1920 começou a circular três vezes na semana após a saída de Rubens do Amaral, importante redator do jornal (CHAVES, 2006, p. 113). A quantidade de páginas de suas edições variava entre oito ou menos laudas – de acordo com os acervos consultados. Fatos de maior comoção garantiam a primeira página do impresso, mas as notícias em geral mesclavam-se às propagandas e anúncios; haviam seções como: seção religiosa, propagandas, seção livre, notas de falecimento, casamento ou nascimento, boletim eleitoral, diversões: Royal Cinema e Theatro Rio Branco – esta última, digna de maior atenção para agregar à pesquisa.

CULTURA E ARTE NO *COMMERCIO DO JAHU*

Sob o viés cultural, é perceptível a escassez de influências e representatividade nacional. Em sua maçante maioria, os eventos de teatro e cinema eram produzidos pela demanda estrangeira, entre eles a World Pictures, Paramount, Fox, Universal, entre outras empresas europeias e norte-americanas. Não obstante, cabe destacar dois eventos que cunho nacional divulgados pelo *Commercio do Jahu* naquele ano: em abril de 22, era colocado em cartaz a obra “O Guarany”, assim escrito originalmente, de José de Alencar. Considerada uma criação indianista, com elementos mitológicos e históricos, o



manuscrito traz o nativo como herói, e acarreta diversas contemplações sobre as estruturas étnicas enraizadas na história do país.

Um segundo evento, realizado em julho de 22 no Theatro Rio Branco, foi a apresentação em série do grupo Circo Guarany. Durante as pesquisas, o nome do grupo chamou a atenção pelo teor nacional, nativo; e foi encontrado o chamado “Circo dos Pretos”. Fundado por João Alves da Silva, filho de uma ex escrava e de um português branco, nascido dois meses após aprovação da Lei do Ventre Livre², tornou-se proprietário de um grande circo, o Circo Teatro Guarany, assumindo a frente da maior manifestação artística popular das terras brasileiras na época (ITAÚ CULTURAL, 2019).

Havia também, entre tantas anunciações de estreias e estrelas exteriores, alguns poucos chamarizes para artistas locais, como músicos e pintores. No que tange os filmes e as peças teatrais, a cidade era empobrecida de referências nacionais, buscando exaltar a arte europeia e norte-americana, poucas vezes arriscando romper com o arcaico. Isso concerne ao âmago da sociedade jauense, como indica Souza (2011):

Sua sociedade formada, principalmente, por uma aristocracia agrária, a qual acreditava em seu crescimento econômico e social através da comercialização do café (...) com o passar dos anos e a chegada de novos imigrantes, a cidade se depara com novos valores e ideias, mas nunca deixando de lado seu tradicionalismo (p. 12)

Entende-se, então, a prioridade e enaltecimento da cultura e da arte estrangeiros em vista da carência de obras nacionais, que no período vigente já eram abundantes e diversas. A primeira indagação seria de que a cidade de Jaú tinha uma melhor aceitação popular – considerando sua população preponderantemente aristocrática e cafeeira – de influências externas, não somente pelas escolhas de lazer, arte e cultura, mas também pelas aclamações de feitos realizados pelos nossos colonizadores.

O COMMERCIO DO JAHU E AS OPINIÕES QUE CIRCUNDAM O ESTRANGEIRO E O NACIONAL

² A **Lei do Ventre Livre** (LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871) foi assinada pela Princesa Isabel e promulgada em 28 de setembro de 1871, considerando **livre** todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir de então. Fonte: www.bn.gov.br



Primordialmente, é conveniente ressaltar que as hipóteses aqui levantadas levaram em conta tanto o fichamento bibliográfico apropriado, como também o manuseio da fonte a partir de suporte metodológico, e em todo o caso, o que foi proposto são possibilidades pautadas no material recolhido. Acerca das relações entre o *Commercio do Jahu* – e por conseguinte, do público-leitor – com referências estrangeiras e nacionais, bem como as diferenças ao concebê-las, serão averiguados aproximadamente dez artigos, com fins de perceber o que o cidadão jauense da década de 20 prioriza em sua bagagem cultural, ressaltando que o momento era próspero a revoluções e valorização do nativismo, pautados nos movimentos aqui já relatados.

Logo na primeira página do jornal, no dia 1º de junho, sem motivação específica aparente, o leitor depara-se com a manchete “Eram homens!”. Trata-se da descoberta da América do Sul e do encontro entre portugueses e espanhóis com os aborígenes. No pequeno artigo, é mencionado a escravização dos nativos “ao trabalho dos brancos, que se tornaram seus senhores pelo direito do mais forte (...)” (JC, 1922, p. 1) e somente em 1537, com o Papa Paulo III, foram declarados como homens aqueles indígenas.

Com o termo “direito do mais forte”, vemos ainda a naturalização e a desinformação acerca das causas e consequências do processo de escravização de indígenas e africanos. A suposição de que a submissão pela força seria um sinônimo de direito, anularia toda a culpa histórica da defasagem das populações nativas no Brasil.

Comicamente, na mesma página da manchete anterior, o título “Livros Novos” remete à uma nova remessa de exemplares que acaba de chegar à Livraria Floret, referência no comércio da época. Entre os autores mencionados, como Afrânio Peixoto – escritor regionalista, que ressalta a vida sertaneja – o *Commercio* destaca especificamente Oliveira Viana. Jurista, professor, etnólogo, historiador e sociólogo brasileiro, suas obras, um tanto polêmicas, subestimam a presença do negro na formação social brasileira (BRASIL ESCOLA). Nas palavras da redação do jornal,

Oliveira Viana firmou o seu nome, como o nosso mais profundo e generalizado dos estudos das raças e tradições nacionais, com o seu forte livro “Populações Meridionais do Brasil”. Alheio à política estéril, isento de literatice sentimental ou mórbida, pensa em torno dos vossos problemas éticos com a visão superior de um sociólogo, estudando os fenômenos políticos, sociais e econômicos para



deles tirar, uma síntese magnífica, a diretriz de nossa vida de povo (...) é um livro que merece ser lido e meditado, porque, numa forma correta e elegante, expõe ideias e pensamentos – o que é raro na literatura indígena. (JC, 04 jun. 1922, p. 1)

De forma natural e sutil, é perceptível e identificável a rejeição a miscigenação e à inserção do negro no âmbito social. Como já mencionado, em uma sociedade elitista e predominantemente marcada pelos senhores do café, é admissível assimilar a população jauense como majoritariamente imigrante e branca – ao menos seriam essas classes concernentes aos leitores – acoplada a um tradicionalismo enraizado.

No dia 15 de junho, também na primeira página da edição, vê-se a manchete “O júbilo português”, que tange a uma série de manifestações elaboradas pela então colônia portuguesa de Jaú, devido à chegada de aeronautas portugueses através de seus *raids* aéreos. Mesmo que o pouso havia sido efetuado no Rio de Janeiro, os habitantes da cidade não deixaram de festejar com sarais, concertos, etc. A comoção generalizada também nos permite refletir quanto à importância dada para feitos realizados por nossos colonizadores, em contraponto à míngua publicitária acerca dos atos brasileiros. Cinco dias depois, na primeira página da edição do dia 20 de junho, a matéria sobre o sucesso do voo ocupou a lauda inteira.

Outra matéria interessante, que circunda o tradicionalismo e a cultura, se apresenta sem nem mesmo um título, mas logo de início é percebido que se trata do descompasso das festas e tradições típicas.

Esse alheamento ao que era tradicional, foi devido à corrente imigratória de povos de diversas nações que fizeram de São Paulo um Estado cosmopolita, sem que esses povos curassem dos seus usos e costumes como praticavam nos seus países de origem. O nosso caboclo brasileiro (não o Jeca de Monteiro Lobato, que por aqui não o temos) vendo o desamor ao tradicionalismo entre os estrangeiros foi nessa onda e também não se importou mais com os folguedos que faziam o encanto e a alegria de nossos avós (...) (JC, 15 jun. 1922, p. 3)

Ao desvincular o personagem de Jeca Tatu da população da cidade como um todo, capta-se a rejeição de múltiplas identidades e facetas do brasileiro, tópico que anda atrelado à ideia de superioridade e intolerância racial ou étnica. Outro artigo que reforça essa hipótese trata do analfabetismo, publicado no dia 20 de junho com o título “Contra



o analfabetismo: uma lei patriótica". Será multado quem não souber ler em 1922", também acaba por ignorar a pluralidade populacional, não levando em conta escravos alforriados, imigrantes em situação de pobreza, camponeses em geral, entre outros grupos sociais fragilizados; e apesar de sabido que a chegada da República impulsionou a alfabetização no país, leis como essa apenas reforçariam a segregação.

COMMERCIO DO JAHU, MOVIMENTOS E REVOLUÇÕES

O ano de 1922 foi também repleto de movimentos e levantes populares, e averiguar como os mesmos foram relatados no periódico podem vir a indicar posicionamentos e discursos que dialoguem com o objetivo de compreender as motivações pela qual a Semana de 22 não foi abordada no impresso. Nos dias 6 e 8 de julho, o Levante no Forte de Copacabana chega às páginas do *Commercio*, e ele relata os fatos com veemência, ao final ainda publicando o telegrama enviado pelo diretório do Partido Republicano ao então presidente do Estado, Washington Luís:

A cidade de Jaú, pelo órgão do diretório do Partido Republicano, apresenta a. excia. calorosas congratulações pela firmeza com que os poderes constituídos julgam as irrupções de indisciplina militar de que o Rio de Janeiro foi teatro. Nesta hora grave para o Brasil, cabe ao preclaro presidente de São Paulo uma grande parcela do reconhecimento nacional, pela energia intemerata com que sustentou as prerrogativas da legalidade, durante toda a campanha presidencial, resistindo à demagogia afinal vencida no forte de Copacabana. (JC, 08 jul. 1922, p. 1)

Assim como o do Rio de Janeiro, o levante de Mato Grosso também foi relatado, já nas manchetes indicando que “o governo continua a receber manifestações de solidariedade” (JC, 13 jul. 1922, p. 3). Novamente, de modo quase burlesco, praticamente ao lado do artigo acerca das revoltas dos demais estados em razão do domínio político instaurado pela república do café-com-leite por São Paulo e Minas Gerais, encontra-se o artigo nomeado “A Data”. Este, por sua vez, disserta de maneira extremamente positiva sobre outra revolta: a Revolução Francesa. O governo provisório decreta dia de festa nacional em homenagem à França, pela liberdade e direitos do homem.



Atentando-se sempre para não se debruçar em anacronismos, percebemos não estritamente a repulsa pelo sentimento de revolução, como se pode ver nesta e noutra matéria acerca da Revolução Francesa, onde uma das causas centrais do estopim era a insatisfação com o modelo governamental vigente. Evidentemente, a crítica e o menosprezo pelas causas e tentativas das revoltas no Rio de Janeiro e no Mato Grosso, se dão não somente pelas forças arcaicas aqui vigentes, mas também pela rede de beneficiados da elite cafeicultora jauense, que não estavam interessados na ruptura do regime oligárquico.

O artigo denominado “Fascismo”, do dia 21 de setembro de 1922, trazia também prováveis aspectos de simpatia ao modelo conservador de movimento. Apesar de confirmar o horror cometido pelo partido, cogitaram suas justificativas:

Hoje sabe-se bem que o fascismo foi criado para combater o comunismo e o bolchevismo pela reação (...) os comunistas queriam neste ano revolucionar a Itália (...) queriam subverter a pátria para ficar um caos a fim de melhor levar avante seu ideal político. Foi então que a classe média reagiu energicamente e dessa relação nasceu o fascismo. Os contrários dos agitadores comunistas, alarmados com a audácia destes e perante a passividade do povo, responderam às provocações revolucionárias.

Reforçando a ideia de conservadorismo social, na página 3 desta mesma edição, o artigo “*Hymno Nacional*” já se inicia com a seguinte frase: “A República no Brasil, para o bem de todos, nasceu conservadora”. Souza (2016) ao conceituar o “conservadorismo à brasileira”, o coloca como afluência de determinações ideológicas herdadas do passado colonial e escravagista, pautadas em princípios tendenciosos ao anticomunismo e à antidemocracia. De certa maneira, os discursos então publicados no periódico refletem e dialogam não somente com as ideias de seu público, mas também com a classe dominante que utilizava o meio de comunicação como agente de articulação política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da fonte, juntamente ao fichamento bibliográfico e a catalogação de informações recolhidas, buscou-se levantar hipóteses acerca da carestia de qualquer notícia sobre a Semana da Arte Moderna de 1922 no *Commercio do Jahu*.



Além disso, o trabalho se propôs a apresentar supostas influências ou rejeições dos ideais que o evento modernista trazia à tona naquele momento, bem como dialogar com artigos de cunho não-artístico, empenhando-se em abrir o leque de referências dentro do periódico selecionado.

Todavia, foram constatados alguns pontos: os discursos produzidos nos jornais nos fornecem aspectos e características que muitas vezes se repetem. Existe uma espécie de “exaltação” patriótica, que, no entanto, se refere aos nossos colonizadores e seus feitos. Ao mesmo compasso, falas como a de desvinculação do jauense com o personagem de Monteiro Lobato, o *Jeca*, apontam para essa mesma direção. O tratamento com questões raciais e étnicas e até mesmo as referências da arte e da cultura – tudo é supostamente voltado ao europeu, negando elementos como a miscigenação e o sertanejo, o caipira.

Elementos como esses podem ser motivos para que o impresso não se interessasse naquele momento por publicar sobre a Semana de Arte Moderna. Com uma grande parcela da população que consumia arte, cultura, modos e ideais tradicionais, não seria naquele momento que o ocorrido seria bem recebido, ou sequer obteria atenção. Ademais, com tópicos como as eleições daquele ano e a maior enchente dos últimos tempos que acabara de alastrar a cidade, o enfoque do jornal passou longe do movimento modernista.

Contudo, ainda que a Semana de 22 tivesse agitado a imprensa e os meios de comunicação da capital, marcando os próximos anos com mudanças diversas, nos meses seguintes Jaú não observaria filmes, literaturas ou eventos de cunho revolucionário adentrando a cidade. Poucos anos mais tarde, a cidade estaria contemplando uma das primeiras greves trabalhistas exclusivamente femininas.

Por fim, é válido ressaltar que, apesar de haver lacunas e dificuldades no que concerne a pesquisa com fontes periódicas, o documento nos permite adentrar no contexto social da época em que se insere, e quando adequadamente examinado, proporciona diversas hipóteses e indagações, que acabam por fomentar e instigar a busca por mais informações, reiteradamente.

FONTE



Comercio do Jahu, Jaú, 01 jan. 1922 – 31 dez. 1922. Arquivo Histórico do Museu Municipal de Jaú e Acervo da Fundação Educacional Dr. Raul Bauab.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, Marcella. Família viaja pela história do circo brasileiro em busca da trajetória de João Alves. **Itaú Cultural**, 2019. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/rumos/familia-viaja-pela-historia-do-circo-brasileiro-em-busca-da-trajetoria-do-negro-joao-alves>. Acesso em: 18 nov. 2021

AJZENBERG, Elza. A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922. **Revista Cultura e Extensão USP**, v. 7. [s. l.], 2012.

AMARAL, Aracy. O MODERNISMO BRASILEIRO E O CONTEXTO CULTURAL DOS ANOS 20. **Revista USP**, São Paulo, n. 94, p. 9-18, jun. - ago. 2012.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica**. *Mouseion*, n. 12, mai-ago/2012, pp. 129-159.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. **SEMANA DE ARTE MODERNA: O QUE COMEMORAR?** Remate de Males, p. 23-29, Campinas, SP. jan./dez. 2013.

CASADEI, Eliza Bachega; VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. A história dos homens da imprensa e do poder em São Paulo. **Rumores**. Ed. 11, ano 6, n. 1, jan./jun. 2012.

CHAVES, Hamilton. **Dos farrapos à Urna Eletrônica: tramas e alianças na política jauense**. [S. l.]: VHK Editora, 2006.

COHEN, Ilka Stern. **Diversificação e Segmentação dos Impressos**. In: MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 103-130.

CPFL, Café Filosófico. Semana de 22: história e legado. **Youtube**, 27 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y70JvPFHXrw>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

ELEUTÉRIO, M. L. . Imprensa a serviço do progresso. In: Martins, Ana Luíza; Luca, Tania Regina de. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008.



FRANCISCO José de Oliveira Viana. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/francisco-jose-oliveira-viana.htm>. Acesso em: 12 nov. 2021.

HOFFMANN, Ana Maria Pimenta. A Arte Moderna no Brasil e o seu processo de institucionalização. **Revista Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 25, n. 1 [33], p. 29-46, jan./jun. 2017.

LAPUENTE, Rafael S. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. **10º Encontro Nacional de História da Mídia**. UFRGS, Porto Alegre, RS. 2015.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: Fontes Históricas*. [S. l.: s. n.], 2008. p. 111-142.

MADRUGA, Manuel Alexandre. Teatro Municipal de São Paulo: uma joia centenária. *In: A Belle Époque Brasileira*. [s. n.], Lisboa, 2012.

MEMÓRIA da Imprensa. **Arquivo Público do Estado de São Paulo**. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_03/secao_cultura.php. Acesso em: 14 nov. 2021.

MENEZES, José Lúcio da Silva. Modernismo Brasileiro: muito além da Semana de Arte Moderna de 1922. **Dialogia**, São Paulo, n. 16, p. 167-184, 2012.

NASCIMENTO, Evando. **A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e “primitivismo” artístico**. n. 39, p. 376-391, 2. sem. Gragoatá, Niterói, 2015.

NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX**. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). *Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003, v. 4. P. 14 a 44.

RODRIGUES, Leandro Garcia. A SEMANA DE 22 E A IMPRENSA CARIOCA: IMPASSES, SILÊNCIOS E INCOMPREENSÕES. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**. Nilópolis, v.3, n. 3, set.-dez. 2012.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. O MODERNISMO BRASILEIRO (1920/1930). *In: Temas em História do Brasil Contemporâneo*. CESAD, UFS. 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 1ª ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.



SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *In: História da Vida Privada no Brasil*. [S. l.: s. n.], 1998. p. 7-48.

SILVA, Sergiano Alcântara da Silva. ASPECTOS DO MODERNISMO DENTRO DA TRADIÇÃO BRASILEIRA (1920-1930). *Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia*. Fortaleza, 01-03 out. 2012.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **TENDÊNCIAS IDEOLÓGICAS DO CONSERVADORISMO**. Tese (Doutorado em Serviço Social), Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

SOUZA, Viviane Raquel Denadai. **História e tradição**. 2011. 1 DVD. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2011.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa: algumas considerações metodológicas**. *In: História e historiografia: contribuições e debates*. Jan./dez. 1985. v. 4